Brasil cresce, mas juros altos podem frear empresas

Banco Mundial projeta avanço de 2,1% para o PIB brasileiro em 2026

RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

Banco Mundial projeta avanço de 2,1% para o PIB brasileiro em 2026

Da **Redação**

O Banco Mundial elevou de 1,9% para 2,1% a previsão de crescimento do PIB brasileiro em 2026, mas reduziu de 2% para 1,7% a projeção para 2027. A estimativa também coloca o Brasil abaixo da média projetada para a América Latina e o Caribe, de 2,2% neste ano.

Para o advogado Bruno Medeiros Durão, especialista em Direito Bancário e fundador da DAP Advocacia, o dado mais importante para empresas e consumidores não está apenas na comparação entre os países, mas no efeito que a manutenção de juros elevados pode provocar sobre o crédito.

"O crescimento pode até aparecer nos números, mas, para quem depende de crédito, o custo do dinheiro é determinante. Juros reais elevados tornam financiamentos mais caros, dificultam a renegociação de dívidas e podem fazer empresas adiarem investimentos e consumidores reduzirem o consumo", explica.

O próprio Banco Mundial aponta que as condições monetárias restritivas continuam pesando sobre a demanda doméstica e que os juros reais elevados restringem crédito, consumo e investimentos.

EMPRESAS PODEM SENTIR PRIMEIRO NO CAIXA

Na avaliação de Bruno, o cenário merece atenção especialmente de empresas que dependem de capital de giro, antecipação de recebíveis, empréstimos ou renegociação de contratos bancários.

"Quando o crédito fica mais caro, a empresa não sente apenas na hora de contratar um empréstimo. O impacto pode aparecer no capital de giro, no custo financeiro e na capacidade de investir e manter o fluxo de caixa saudável", afirma.

O especialista também alerta que a desaceleração econômica pode aumentar a pressão sobre negócios já endividados.

"Em um cenário de crescimento mais fraco, a gestão da dívida passa a ser ainda mais estratégica. Antes de simplesmente contratar um novo crédito para cobrir uma dívida anterior, a empresa precisa avaliar o custo efetivo da operação e as alternativas de renegociação", explica.

E PARA O CONSUMIDOR?

Para as famílias, a combinação entre crescimento mais lento e crédito caro pode dificultar a saída do endividamento.

Segundo Bruno, o consumidor deve ter atenção especial ao custo total das operações bancárias, principalmente em modalidades de crédito de juros elevados.

"Em momentos de crédito caro, renegociar não significa necessariamente conseguir uma dívida mais barata. É preciso comparar o custo efetivo da nova operação, o prazo e o valor final que será pago. Uma parcela menor pode esconder um custo total muito maior", alerta.

O PROBLEMA PODE SER MAIOR EM 2027

A redução da previsão do Banco Mundial para 2027, de 2% para 1,7%, é um sinal de atenção, segundo o advogado.

"Mais importante do que olhar apenas para o crescimento de 2026 é entender se haverá capacidade de sustentar esse ritmo. Se o crédito continuar caro e o investimento permanecer pressionado, empresas e consumidores podem entrar em 2027 com menos espaço financeiro para consumir, investir e se reorganizar", avalia Bruno.

O relatório do Banco Mundial também destaca que países da região que avançaram em reformas, fortaleceram instituições e criaram condições para o investimento privado vêm apresentando desempenho superior. A instituição projeta crescimento de 2,2% para a América Latina e o Caribe em 2026.

Previsão de superávit comercial cai para US$ 84,4 bi

Da **Redação**

A queda nas projeções do preço do petróleo fez o governo reduzir a previsão para o superávit da balança comercial brasileira em 2026, de US$ 90 bilhões para US$ 84,4 bilhões.

Apesar do corte, o resultado projetado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic) ainda representa alta de 24% em relação ao superávit registrado em 2025.

Em setembro, o país registrou saldo positivo de US$ 7,74 bilhões, mais que o dobro do resultado obtido no mesmo mês do ano passado.

NOVA PROJEÇÃO

A revisão da estimativa para 2026 está relacionada principalmente à redução dos preços do petróleo. O barril chegou a atingir US$ 138 em abril, após a entrada dos Estados Unidos na guerra com o Irã, mas recuou posteriormente. Mesmo com a alta na cotação do petróleo nas últimas semanas, o barril do tipo Brent, referência para as negociações internacionais, está em torno de US$ 100.

A queda afeta tanto as exportações quanto as importações brasileiras, já que o país vende petróleo bruto ao exterior e também compra derivados.

A nova previsão do MDIC considera:

Exportações: US$ 382,5 bilhões, contra projeção anterior de US$ 394,4 bilhões;

Importações: US$ 298,1 bilhões, contra US$ 304,4 bilhões;

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

Queda nas projeções de preço do petróleo influenciaram revisão

Superávit comercial: US$ 84,4 bilhões, contra US$ 90 bilhões.

Com a revisão, a estimativa de vendas externas caiu US$ 11,9 bilhões, enquanto a previsão para as compras diminuiu US$ 6,3 bilhões. Ainda assim, as exportações projetadas para 2026 representam crescimento de 9,8% sobre 2025, enquanto as importações devem avançar 6,4%.

SEGUNDO MAIOR SALDO

Caso a projeção seja confirmada, o superávit de 2026 será o segundo maior da série histórica, atrás apenas do resultado registrado em 2023, de US$ 98,9 bilhões.

Em 2025, o Brasil encerrou o ano com saldo positivo de US$ 68,1 bilhões.

Esta é a segunda revisão da estimativa feita pelo Mdic em 2026. A previsão inicial era de um superávit de US$ 72,1 bilhões, posteriormente elevada para US$ 90 bilhões em julho.

Para alcançar o novo resultado projetado, o Brasil precisará acumular um superávit de aproximadamente US$ 22 bilhões entre outubro e dezembro. O valor é próximo ao registrado no último trimestre de 2025, quando o saldo positivo foi de US$ 21,8 bilhões.